

## **A CRIATIVIDADE NAS ESCOLAS SEU RECONHECIMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO**

Grandis, Francismére Rodrigues Depieri

A criatividade pode ser e deve ser desenvolvida desde criança, pelos pais e professores, juntamente com um ambiente favorável para que a mesma evolua, e se este conjunto não acontecer poderá afetar o desenvolvimento da criatividade, pois a mesma não depende somente da vontade do indivíduo, mas também do meio que ele está inserido. Na fase escolar cabe ao professor ser criativo e estimular seus alunos a imaginar e criar, sendo em aulas de artes ou de português na criação de textos, entre outros, já que: “a criatividade, como qualquer traço ou característica humana, necessita de condições adequadas para que possa se desenvolver”. (ALENCAR, 1995. p. 61).

[...] É papel da escola incluir as informações sobre arte produzida nos âmbitos regional, nacional e internacional, compreendendo criticamente também aquelas produzidas pelas mídias para democratizar o conhecimento e ampliar as possibilidades de participação social do aluno (PCN/ARTE, 2001. p. 48).

Uma vez que, se forem bem entendidas e encaminhadas às dificuldades de aprendizagem, respeitando os momentos criativos, as crianças/alunos podem ter assegurada de uma relação mais harmônica, coerente e saudável com o conhecimento. É também indispensável registrar que equipes multidisciplinares, compostas por médicos, pedagogos, psicopedagogos, psicólogos, professores e demais profissionais envolvidos, cada vez mais, se colocam a serviço dos casos de problemas de aprendizagem, colaborando para que as crianças encaminhadas possam desfrutar plenamente sua cidadania.

[...] Devemos considerar o contexto maior em que ela está inserida. Nem sempre os problemas são decorrentes da própria criança. As crianças podem estar respondendo a um sistema educacional ou a um ambiente familiar que não atende suas necessidades. (DOCKREELL e McSHANE, 2000 p. 36).

Pode-se observar de modo geral, em alunos com dificuldades de aprendizagem, que os mesmos muitas vezes apresentam problemas mais localizados nos campos da conduta e da aprendizagem, e nas crianças com DA,

As informações que entram ou que saem podem ficar desordenadas conforme viajam entre os sentidos e o cérebro, a criança com DA frequentemente fica confusa, é desajeitada, impulsiva, hiperativa ou desorientada, tornando-se frustrada e rebelde, deprimida, retraída ou agressiva. (DUNN E DUNN, 1997, p. 32.).

As dificuldades de aprendizagem devem ser consideradas como uma possível causa se a criança apresenta na(s):

- Atividade motora: hiperatividade ou hipoatividade, dificuldade de coordenação;
- Atenção: baixo nível de concentração, dispersão;
- Área matemática: problemas em seriações, inversões de números, reiterados erros de cálculo;
- Área verbal: problemas na codificação/decodificação simbólica;
- Emoções: desajustes emocionais leves, baixo autoestima;
- Memória: dificuldades de fixação;
- Percepção: reprodução inadequada de formas geométricas, confusão entre figura e fundo, inversão de letras;
- Sociabilidade: inibição participativa, pouca habilidade social, agressividade.

Partindo dessa realidade plenamente constatada que todos os alunos são diferentes, tanto em suas capacidades, quanto em suas motivações, interesses, ritmos evolutivos, estilos de aprendizagem, situações ambientais, etc., e entendendo que todas as dificuldades de aprendizagem são em si mesmas contextuais e relativas, é necessário compreender o próprio processo de interação ensino/aprendizagem. (DUNN e DUNN, 1997).

Sabe-se que este é um processo complexo em que estão incluídas inúmeras variáveis: aluno, professor, concepção e organização curricular, metodologias, estratégias, recursos. Mas a aprendizagem do aluno não depende somente dele, e sim do grau em que a ajuda do professor esteja ajustada ao nível que o aluno apresenta em cada tarefa de aprendizagem. Se o ajuste entre professor e

aprendizagem do aluno for apropriado, o aluno aprenderá e apresentará progressos, qualquer que seja o seu nível de conhecimento. Portanto deve-se ter em mente que nem todos aprendem de mesma maneira, que cada um aprende a seu ritmo e em seu nível de conhecimento. Precisamos criar novos contextos que se adaptem as individualidades dos alunos, partindo do que cada um sabe de suas potencialidades e não de suas dificuldades. (FONSECA, 1995).

É importante considerar que a escola deve valorizar os muitos saberes do aluno, e não ser seletiva oportunizando ao aluno demonstrar suas reais potencialidades. A escola tem valorizado apenas o conhecimento verbal, escrito e matemático, deixando de lado tantos conhecimentos importantes trazidos de casa pelo aluno para a comunidade escolar. A criança deve ser estimulada, não só quando aluna, mas sempre pelos professores e pais, porque se isto não ocorrer ela jamais vai demonstrar as potencialidades que possui. (FONSECA, 1995).

Muitas vezes a escola exclui pelas diferenças sociais e pelos diferentes ritmos de aprendizagem que cada criança apresenta no início de sua escolaridade, onde deviria tornar o ambiente escolar cada vez mais acolhedor, aceitando a criança como ela é oferecendo meios para que se desenvolva isto já seria uma garantia de dar certo o trabalho em sala de aula. Por isso, os professores devem diversificar as situações de aprendizagem dos alunos adaptá-las as especificidades dos mesmos, tentando atender o problema didático da heterogeneidade das aprendizagens, que muitas vezes é rotulada de dificuldades de aprendizagem. (FONSECA, 1995).

Em relação à avaliação da DA é utilizado os testes de QI, mesmo com limitações na sua eficácia, pois alguns autores declaram que os mesmos não identificam claramente a natureza das dificuldades apresentadas pela criança. Entretanto os testes de QI fornecem informações sobre as habilidades cognitivas, de modo que o baixo desempenho apresentado por crianças nesses testes não significa que não vão aprender a ler ou escrever. Estes testes são ligados aos conceitos de inteligência, a definição de dificuldade de aprendizagem e a psicometria de testagem de maneira bem distorcida, deixando assim dúvidas em sua eficácia no processo de avaliação da DA em crianças. (DIAS, 2004).

Na avaliação da DA é preciso identificar pontos importantes nas crianças, que nem sempre são diferenciados, pois primeiro é preciso identificar a existência do problema, depois sua natureza para então realizar um diagnóstico adequado.

(DOCKRELL e McSHANE, 2000). E “o professor deve estar apto a captar científica e pedagogicamente as características do comportamento de aprendizagem das crianças”. (FONSECA, 1995, p. 362).

Sendo percebida pelo professor a criança com dificuldade de aprendizagem, deverá ser encaminhada a uma equipe multidisciplinar de atendimento, para uma avaliação detalhada, que na maioria das vezes são ansiosamente aguardados pela família e pela escola, confirmando ou negando a sua normalidade. Num passado ainda próximo, nos casos detectados, geralmente a criança era encaminhada para as classes ou escolas especiais que ofereciam um ensino diferenciado. Com isso, acabava por tornar-se excluídas e fazer parte de um segmento social marginalizado, onde as oportunidades de ampliação de suas potencialidades eram reduzidíssimas, na qual a criança com dificuldades de aprendizagem passava a ser considerada, por muitas as pessoas, como um ser incapaz de criar e produzir conhecimento.

Uma consequência dos problemas enfrentados no campo da avaliação da dificuldade de aprendizagem está no contexto educacional, (FONSECA, 1995) ainda alerta que o problema da avaliação da DA, está no fato de que nos nossos dias, não existe nenhum modelo ou método da avaliação conhecido que verdadeiramente identifique um estudante com DA, ou que detecte uma ineficiente leitura ou escrita, disfunções cognitivas na resolução de problemas de cálculo, ou mesmo problemas na fala, e,

[...] em relação à criança, é preciso identificar as habilidades cognitivas atuais dessa criança, isto é, como ela processa a informação. Por meio do ambiente, considerando o contexto físico e social no qual a dificuldade se manifesta, incluindo-se a criança e a tarefa. Nesse sentido, entende-se que a compreensão da dificuldade de aprendizagem está estritamente relacionada à sua base cognitiva subjacente, e que o processo de intervenção deve afetar o funcionamento cognitivo da criança com DA. (DIAS, 2004, p. 16).

Se torna inviável o diagnóstico e a prevenção de problemas e dificuldades individuais sem a aplicação de meios adequados para se avaliar uma dificuldade de aprendizagem, e neste caso os testes ainda continuam sendo o melhor caminho para o sucesso da criança na escola, pois os erros podem ser menores nas decisões do que quando não se utiliza teste algum. (DIAS, 2004).

As dificuldades de aprendizagem não podem ser todas vindas somente da criança, mas é possível conceber, de uma maneira ampla, os fatores culturais e comunitários, familiares, escolares, entre outros, é possível conceber a família como um sistema de organização, de comunicação e de estabilidade. Esse sistema, a família, pode desordenar a aprendizagem infantil, o mesmo que podem fazer os fatores sociais tais como a raça e o gênero na escola.

[...] Especificamente em relação à família, esta além de ser a principal fonte de recursos para um desenvolvimento sadio, também pode oferecer mecanismos protetores para a criança lidar com a adversidade, as relações entre características do ambiente familiar, que pode funcionar como fator de proteção ou fator de risco, em crianças com queixa de baixo desempenho escolar sem problema de comportamento (DIAS, 2004, p.6).

Em se tratando dos fatores extraescolares, destaca-se: o abandono dos pais, a falta de condições econômicas da família, a desorganização familiar, a desnutrição dos alunos, seu desinteresse e baixo quociente de inteligência, já como fatores extraescolares, têm sido consideradas: as diferenças culturais e socioeconômicas entre os profissionais e a comunidade atendida, gerando inadequações no material didático, conteúdo e linguagem, a discriminação de crianças socialmente marginalizadas, a grande jornada de trabalho dos professores, a formação dos mesmos e suas práticas irrelevantes e ineficientes, a alta rotatividade de professores, entre outros.(DIAS, 2004)

Portanto omitir fatores sociais, econômicos ou culturais é ter uma mente estreita em relação à aprendizagem, que deve ser multidisciplinar, em diálogo cooperativo na solução de problemas, este diálogo deverá ter seu enfoque numa definição ampla dos processos de aprendizagem humana, o que orientará o tratamento das dificuldades de aprendizagem.

As primeiras concepções sobre criatividade apareceram na Filosofia, considerando que a mesma era uma inspiração divina sendo improvável sua aprendizagem. Na antiguidade, era conhecida como uma forma de loucura e mesmo nas teorias modernas de filosofia, ainda prevalece que a criatividade não pode ser aprendida, sendo imprevisível e não racional. (KNELLER (1978) apud DIAS, 2004).

Segundo, Piaget (1950) existe dois problemas envolvidos em uma discussão sobre a criatividade. O primeiro problema é o das origens ou causas da criatividade. O segundo problema é o do mecanismo: Como ele acontece, Qual é o processo de um ato criativo, Como alguém cria algo novo, sem existir antes, Como algo novo pode surgir. A criatividade tem-se mostrado um campo de investigação que possibilita tanto estudar, em termos teóricos e práticos, quanto desenvolver capacidades pouco conhecidas nas pessoas. (DIAS, 2004).

Podemos dizer que atualmente o conceito de criatividade está relacionado como sinônimo de saúde mental, ao contrário de anos atrás, que o indivíduo criativo era visto como louco, hoje se pode dizer que o mesmo é envolto por uma auto realização pessoal e um desempenho inovador, pois segundo Alencar a criatividade passou a ser vista sob outros ângulos como emoção, cognição e cultura uma conquista para se definir e avaliar alguém criativo.

Para DIAS (2004) as definições sobre a criatividade, além daquelas que consideram as ideias mais gerais, do tipo produção de algo novo, devem-se ressaltar outras que englobam as relações entre a criatividade e outros campos científicos. Apesar de muitos estudos realizados sobre criatividade o mesmo acabou por apresentar lacunas vazias a este respeito devido à complexidade da criatividade, deixando a mesma com falta de um único conceito, por causa do grande número de definições apresentadas.

E com a ampliação dos estudos sobre a criatividade ela passa a ser algo desejável e necessário para a realização pessoal de cada ser humano, saindo dos domínios exclusivos das artes e filosofia para ser partilhada e discutida também na psicologia, a mesma avalia a criatividade de indivíduos geralmente através de testes avaliando a fluência que se entende por a habilidade que o sujeito tem de gerar um número relativamente grande de idéias na sua área de atuação, em relação a flexibilidade podemos dizer que é o pensamento que implica em uma mudança de algum tipo, uma mudança no significado, na interpretação ou no uso de algo, uma mudança de estratégia de se fazer algo, já a originalidade é aquela que é estudada e avaliada através da apresentação de respostas incomuns e remotas, algo que ainda não tenha sido feito por ninguém.(ALENCAR, 1995).

Dentro da mesma podemos perceber que a criatividade foi entendida durante muito tempo como criação de algo novo, e hoje a criatividade além de algo novo é o

resultado de uma novidade que é aceita como útil, convincente e satisfatória para um determinado grupo de pessoas.

A criatividade nas escolas e na sociedade num geral está sendo reconhecida por sua importância para o desenvolvimento e compreensão do ser humano. Mas precisamos ter melhor compreensão da criatividade, pois a mesma ainda é alvo de polêmicas e discussões em relação a sua conceituação e avaliação até os dias de hoje.

Em relação à escola:

Avaliar implica conhecer como os conteúdos de Arte são assimilados pelos estudantes a cada momento da escolaridade e reconhecer os limites e a flexibilidade necessários para dar oportunidade à coexistência de distintos níveis de aprendizagem, num mesmo grupo de alunos (PCN/ARTE, 2001. p. 95).

Pois, para Arslan e Lavelberg (2006) avaliação é um procedimento complexo, uma tarefa sensível e cognitiva que requer ainda mais cuidados por se tratar de uma área na qual os produtos do fazer artístico do aluno expressam sua cultura e subjetividade.

No caso da avaliação perante o professor a mesma não pode ser um instrumento de controle do professor, mas um instrumento da aprendizagem e reorientação caso necessário para um novo planejamento das situações de ensino.

Ainda assim muitas vezes olhamos as pessoas como criativa ou não criativa, esquecemos que todo ser humano é dotado de um potencial criativo, que se desenvolve e manifesta de acordo com a presença de estímulos sociais e pessoais. “... e é verdade que a pessoa criativa precisa de qualidades individuais, o processo de criatividade depende também de um quadro social de produção e de condições sociais particulares. Mas aí entramos em outro domínio: o estudo de caso”. (VASCONCELOS. Org. p.124, 2001).

Vygotsky apud Japiassu (2004) esclarece que é exatamente a atividade criadora das mulheres e dos homens que faz a espécie humana projetar-se no futuro, transformando a realidade e modificando o presente. Imaginação ou fantasia,

portanto é a denominação desta atividade do cérebro, que se baseia na combinação.

A sociedade está fortemente vinculada ao desenvolvimento da criatividade desde suas regras impostas nas famílias, onde cada um deve seguir as normas deixando de praticar a diversidade e a originalidade. Levando as crianças a não se arriscarem por medo de sofrer zombarias e repreensões dos colegas ou do grupo social em fazer parte, pois é muito importante e necessário que suas ideias e comportamento sejam aceitos pelo ambiente em que se vive. (ALENCAR, 1995).

Em relação ao papel sexual a sociedade tem diferentes expectativas para sujeitos do sexo masculino, onde os mesmos não podem ser muito sensíveis, delicados, por que aos olhos da sociedade o homem está socializado ao fato de ser mais produtivo, terem iniciativa, coragem e indecência. Ao passo que as mulheres são vistas como mais dóceis, submissas e sensíveis, portanto tendo menos capacidade para criar e inovar algo. “Além dessas barreiras, há outras que podem ser apresentadas pelo indivíduo. Algumas delas são de natureza perceptual, outras de natureza emocional e ainda outras de natureza intelectual ou expressiva”. (ALENCAR, 1995. p. 68)

Segundo ALENCAR (1995), a família tem importância fundamental para o desenvolvimento da criatividade já que sabemos que a criatividade tem mais chances de evoluir em pessoas que possuem um conjunto de atitudes, valores, interesses, motivações e traços de uma personalidade independente, corajosa e inovadora, sendo que essas atitudes e valores apareceram e aconteceram naturalmente no cotidiano dessa pessoa, mas não podemos deixar de esquecer o apoio familiar para que tudo isto ocorra na vida deste indivíduo. Desde bebê o indivíduo apresenta sinais de criatividade, só que a família tem que ter cuidado para que não ocorra nenhuma hostilidade e crítica que possa desencadear uma rejeição abalando a auto confiança desta criança, pois cada um de nós tem um autoconceito de si mesmo é o que nos faz querer sempre evoluir. (ALENCAR, 1995).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo realizado proporcionou a compreensão sobre a criatividade, e esta deve ter espaço para o aluno exercitar no ambiente escolar, com a ampliação dos



estudos sobre a criatividade ela passa a ser algo necessário para a aprendizagem. A criatividade compreendida como criação de algo novo, também como resultado de uma novidade que é aceita como útil, convincente e satisfatória para um determinado grupo de pessoas.

Compreendemos que toda criança é dotada de criatividade, algumas tem facilidade para despertar, outras, necessita um pouco mais de estímulos para desenvolver e manifesta de acordo com a presença de estímulos sociais e pessoais. A criatividade nas escolas tem que oportunizar para que haja desenvolvimento. Portanto, precisamos ter melhor compreensão da criatividade, pois a mesma ainda é alvo de polêmicas e discussões em relação a sua conceituação e avaliação até os dias de hoje.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. ***Estatuto da Criança e do Adolescente***. Lei nº 8069, de julho de 1990.

BRASIL. ***Secretaria de Educação Especial***. Política Nacional de Educação Especial: livro 1. Brasília, MEC/SEESP, 1994.

BRASIL. ***Lei de Diretrizes e Bases da Educação***. Lei nº 9424, de dezembro de 1996.

BRASIL. ***Plano Nacional de Educação***. Brasília, MEC, 2001.

**KALOUSTIAN, S.M.** (org.) ***Família Brasileira, a Base de Tudo***. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1988.

**PARO, Vitor.** ***Gestão Democrática da Escola Pública***. São Paulo: editora ática, 2001.

**PAROLIN, Isabel**

**PEREIRA, P.A. *Desafios Contemporâneos para a Sociedade e a Família*. In Revista Serviço Social e Sociedade. Nº 48, Ano XVI. São Paulo, Cortez, 1995.**